

EDUCAÇÃO POPULAR E FEMINISMOS: tensões, rupturas e afirmações

EDUCACIÓN POPULAR Y FEMINISMOS: tensiones, rupturas y afirmaciones

POPULAR EDUCATION AND FEMINISM: tensions, ruptures and affirmations

Micheli Silveira de Souza¹

<https://orcid.org/0000-0002-8437-2754>

Silvana Ribeiro²

<https://orcid.org/0000-0002-5702-7701>

Thiago Ingrassia Pereira³

<https://orcid.org/0000-0002-5558-7836>

Resumo

A invisibilidade da produção científica de mulheres no campo da Educação Popular é o tema deste artigo. Compreende-se que o conhecimento popular e o acadêmico se encontram em espaços institucionais que possuem legitimidade na construção de tradições de apreensão e intervenção em realidades sociais. Dentro da tradição freireana, a palavra tem lugar político como elemento de afirmação ou opressão, sendo importante a busca pela coerência entre o discurso (falado e escrito) e a prática libertadora da Educação Popular. Nesse sentido, este trabalho realiza discussão teórica sobre feminismos a partir de texto crítico sobre a presença de mulheres no Grupo de Trabalho (GT) Educação Popular da ANPEd. Além disso, faz um exercício de estado do conhecimento dos anais do Fórum Paulo Freire do Rio Grande do Sul (2018 e 2019), objetivando problematizar a presença dos estudos de gênero e feministas nestes espaços, bem como a autoria de mulheres. Caracterizadas na fronteira entre o campo acadêmico e a militância, as pesquisas e práticas em Educação Popular parecem não fugir dos desdobramentos da sociedade patriarcal e machista, ainda que esse quadro esteja em permanente tensão nos últimos anos. O estudo realizado permite a denúncia das opressões e invisibilidades das mulheres mesmo em espaços acadêmicos de natureza progressista, assim como o anúncio da afirmação histórica do protagonismo feminino, ponto estratégico para a construção de novos saberes e sociabilidades.

Palavras-chave: Educação Popular. Feminismos. Invisibilidade das mulheres.

¹ Pedagoga, Mestranda do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus Erechim*. E-mail: micheli.souza@acad.pucrs.br

² Assistente Social, Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus Erechim*. E-mail: silvanaribeiro@upf.br

³ Sociólogo, Doutor (UFRGS) e Pós-Doutor em Educação (Universidade de Lisboa). Professor do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE) e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus Erechim*. E-mail: thiago.ingrassia@uffs.edu.br

Como referenciar este artigo:

SOUZA, M. T.; RIBEIRO, S.; PEREIRA, T. I.. Educação Popular e feminismos: tensões, rupturas e afirmações.

Revista Pedagógica, v. 23, p. 1-28, ano 2021.

DOI <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v22i0.6507>

Resumen

La invisibilidad de la producción científica de mujeres en el campo de la Educación Popular es el tema de este artículo. Se comprende que el conocimiento popular y el académico se encuentran en espacios institucionales que poseen legitimidad en la construcción de tradiciones de aprehensión e intervención en realidades sociales. Dentro de la tradición freireana, la palabra tiene lugar político como elemento de afirmación u opresión, siendo importante la búsqueda de coherencia entre el discurso (oral y escrito) y la práctica liberadora de la Educación Popular. En ese sentido, este trabajo realiza debate teórico sobre feminismos a partir de texto crítico sobre la presencia de mujeres en el Grupo de Trabajo (GT) Educación Popular de la ANPEd. Además de eso, hace un ejercicio de estado de conocimiento de los anales del Foro Paulo Freire de Rio Grande do Sul (2018 y 2019), objetivando problematizar la presencia de los estudios de género y feministas en estos espacios, así como la autoría de mujeres. Caracterizadas en la frontera entre el campo académico y la militancia, las investigaciones y prácticas en Educación Popular parecen no apartarse de los despliegues de la sociedad patriarcal y machista, aunque ese cuadro esté en permanente tensión en los últimos años. El estudio realizado permite la denuncia de las opresiones e invisibilidades de las mujeres incluso en espacios académicos de naturaleza progresista, así como el anuncio de la afirmación histórica del protagonismo femenino, punto estratégico para la construcción de nuevos saberes y sociabilidades.

Palabras-clave: Educación Popular. Feminismos. Invisibilidad de las mujeres.

Abstract

The invisibility of the scientific production of women in the field of Popular Education is the theme of this article. It is understood that popular and academic knowledge meet in institutional spaces that have legitimacy in the construction of traditions of apprehension and intervention in social realities. Within the Freirean tradition, the word has a political place as an element of affirmation or oppression, and the search for coherence between discourse (spoken and written) and the liberating practice of Popular Education is important. In this sense, this paper conducts a theoretical discussion on feminisms from a critical text about the presence of women in the Working Group (WG) Popular Education of ANPEd. In addition, it makes an exercise of the state of knowledge of the annals of the Paulo Freire Forum of Rio Grande do Sul (2018 and 2019), aiming to problematize the presence of gender and feminist studies in these spaces, as well as the authorship of women. Characterized on the border between the academic field and militancy, research and practices in Popular Education do not seem to escape from the unfoldings of patriarchal and sexist society, even though this framework is in permanent tension in recent years. This study allows the denunciation of the oppressions and invisibilities of women even in progressive academic spaces, as well as the announcement of the historical affirmation of the feminine protagonism, a strategic point for the construction of new knowledge and sociabilities.

Keywords: Popular Education. Feminism. Invisibility of women.

INTRODUÇÃO

É crescente na literatura do campo da Educação Popular a presença de estudos que apresentam o enfoque de diferentes concepções feministas, produzindo um tema emergente nesta área (SILVA; GODINHO, 2017). Novas leituras da obra de Paulo Freire oportunizam pensarmos o tema das mulheres em relação ao debate sobre opressões (ANDREOLA, 2016), tendo desdobramentos em vários segmentos teóricos e práticos entre aquelas e aqueles que se dedicam a produzir reflexões engajadas em processos possíveis de transformação social.

O tema de gênero e os estudos feministas estão presentes no debate pós-colonial ou decolonial (SILVA, 2020), afirmando novas epistemologias e sociabilidades. Na mesma linha, a reflexão sobre a linguagem inclusiva ganha destaque (CASTRO; DE LA PAZ, 2018), retomando as críticas feministas que Freire recebeu pela linguagem empregada nos anos 1960 em *Pedagogia do oprimido* (2016) e que foram ponto de partida para a sua autocrítica duas décadas depois em *Pedagogia da esperança* (2008).

A preponderância de mulheres na área da educação é fato histórico no sistema escolar brasileiro. Dados do Censo Escolar de 2020 apontam que temos 2.189.005 docentes na Educação Básica, sendo cerca de 81% de mulheres. Quando desagregamos por etapa, percebemos que a presença feminina está assim distribuída: 96,4% na Educação Infantil; 88,1% nos anos iniciais e 66,8% nos anos finais do Ensino Fundamental; 57,8% no Ensino Médio (BRASIL, 2021).

A curva decrescente no número de professoras por etapa da Educação Básica se mantém na Educação Superior, quando cerca de 47% são mulheres docentes no sistema universitário (BRASIL, 2020). Entre aquelas que trabalham em cursos de pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado), dados do Censo da Educação Superior de 2016 indicavam que se aproximava de 1/3 do total (53.995), sendo que apenas 3% eram não brancas (pretas e pardas)⁴.

⁴ Segundo matéria publicada pelo Portal Geledés com base nos dados do Censo da Educação Superior de 2016 (MEC/INEP). É interessante observar que 44% dos(as) docentes da pós-graduação brasileira optaram por não declarar sua raça/cor ao Censo. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/menos-de-3-entre-docentes-da-pos-graduacao-doutoras-negras-desafiam-racismo-na-academia/>. Acesso em: 23 jun. 2021.

Para além de números, que nos fornecem importante panorama, temos evidenciado processo histórico de invisibilidades, silenciamentos e opressões. A despeito da progressiva presença feminina na Educação Superior em termos de matrículas na graduação e do número de concluintes (na área da educação chega a $\frac{3}{4}$), ainda os espaços de poder e legitimidade acadêmica seguem inacessíveis ou problemáticos à presença de mulheres, situação que é parte de um quadro mais geral de constrangimentos ao exercício de posições de chefia e direção numa escala hierárquica mais elevada (REZENDE, 2020).

Dessa forma, este estudo procura investigar a presença de mulheres enquanto autoras no campo da Educação Popular, além de destacar trabalhos que promovam concepções feministas de compreensão da realidade social. Interessa colocar em perspectiva espaços de (re)produção do conhecimento *sobre, com e para* as práticas de Educação Popular no Brasil e na América Latina. Para isso, o artigo realiza discussão de natureza bibliográfica acerca da Educação Popular e dos estudos feministas, tendo como referência a problematização da presença e atuação de mulheres no Grupo de Trabalho (GT) de Educação Popular da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd).

Nessa mesma linha, apresenta uma pesquisa tipo estado do conhecimento (MOROSINI; KOHLS-SANTOS; BITTENCOURT, 2021) sobre os anais (2018 e 2019) do Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, evento de referência na área de Educação Popular e estudos freireanos do estado do Rio Grande do Sul há mais de duas décadas. Nosso principal objetivo é fazer um exercício de dialética freireana entre a denúncia da invisibilidade da mulher em espaços de referência acadêmica da Educação Popular, e o anúncio de novos saberes e epistemologias feministas que potencializam as práticas de Educação Popular na atualidade.

1 “A EDUCAÇÃO POPULAR É MACHA”

A Educação Popular é um movimento político e pedagógico relevante que tem suas origens em diversas experiências antissistêmicas na América Latina no século XX. Mesmo considerando suas distintas fontes pedagógicas (STRECK, 2010) associadas a movimentos indígenas, de mulheres e operários(as), apresenta como eixo principal a afirmação dos sujeitos e a tomada de posição – luta – por uma sociedade sem opressões.

Das margens para o centro, do não formal para o formal, o movimento é parte e traço potente da Educação Popular. Por isso, militantes e intelectuais do campo se deparam com o desafio de sua permanente reinvenção, tendo em vista as mudanças históricas na base material e simbólica das sociedades.

Diante desse entendimento, (re)pensar os espaços, tempos, práticas e teorias da Educação Popular nos leva ao debate feminista. Para fins desse estudo, nos interessa colocar em perspectiva a presença feminina em espaços acadêmicos e militantes nos quais a práxis (teoria e prática) tem se mostrado contraditória.

Na obra *Travessia: Questões e Perspectivas Emergentes na Pesquisa em Educação Popular* (2005), de Reinaldo Matias Fleuri e Marisa Vorraber Costa, que pode ser compreendida como uma troca de cartas entre a autora e o autor, na quarta parte, Marisa comenta que não iria se deter profundamente em alguns assuntos pelo fato de que precisava pegar o avião logo em seguida e necessitava terminar este tópico do texto, ao final da escrita ela afirma: “preciso remeter este e-mail para ti em menos de cinco minutos” (FLEURI; COSTA, 2005, p. 104). Ao ler este trecho, ficamos pensando: e se a Marisa não precisasse viajar neste dia, o que ela teria escrito a seguir? Se ao invés de cinco minutos, ela tivesse mais cinco horas para escrever, o que diriam suas palavras? Ficamos com o desejo de uma seção dois da parte quatro do livro e explicamos a seguir o motivo desta sensação.

Nesta obra, Marisa intitula o tema sobre a questão feminina na Educação Popular de “melindroso” (2005, p. 47) e segue destacando: “muitas pessoas do GT sabem de meus “grilos” com o machismo da Educação Popular. Ouvi várias vezes Paulo Freire dizer que a língua portuguesa é “macha”, pois faz desaparecer o feminino em muitas das suas flexões” (FLEURI; COSTA, 2005, p. 47). Este é um dos diversos “grilos” que Marisa destaca no

decorrer de sua troca de cartas com Reinaldo. O termo “homem”, como designação coletiva e representação do feminino e masculino, escancara a linguagem sexista inserida no sistema gramatical da língua portuguesa, assim “uma das formas através das quais as mulheres se tornam seres coletivos na linguagem é através dos homens. Os homens, ao contrário, não se tornam seres coletivos através das mulheres, mas, apenas através deles mesmos” (BESKOW, 2017, p. 15).

Junto a este “grilo” de uma linguagem sexista, Marisa aponta: “parafrazeando Freire, costumo dizer que a Educação Popular é “macha” (FLEURI; COSTA, 2005, p. 47). Aqui apresentamos um recorte que faremos neste artigo, com relação à invisibilidade das mulheres nas pesquisas em destaque na Educação Popular. É preciso problematizar esta invisibilidade, a qual não significa que as mulheres não participaram e não participem e construam a Educação Popular, mas em perceber e avaliar o fato de que as personalidades em destaque, no campo da pesquisa, sejam predominantemente masculinas.

Um exemplo é destacado por Fleuri e Costa (2005), os quais comentam que no período de 1992 a 1998, nas reuniões anuais da ANPEd – GT 06 Educação Popular, dos “trabalhos, comunicações ou pôsteres “aceitos para a apresentação” [...] dos 85 autores (as) e coautores (as), apenas 24 (28%) são homens e 61 (72%) são mulheres” (2005, p. 70), ou seja, a invisibilidade não se sustenta na noção de que as mulheres não estivessem neste espaço. Então o que sustenta esta invisibilidade? Outro exemplo mencionado por Fleuri e Costa (2005, p.47): “observa a composição das mesas em simpósios, conferências e seminários sobre o tema e vê como predominam os homens”, como se somente os homens estivessem capacitados para dizer sobre a temática da Educação Popular.

Este “grilo” da invisibilidade das mulheres não é algo exclusivo e existente somente na Educação Popular, mas na educação como um todo e em diversos segmentos da sociedade brasileira, estes que tem inúmeros resquícios de uma sociedade patriarcal e que

atualizam constantemente estas marcas. Historicamente às mulheres são reservados os espaços do familiar, do doméstico e do cuidado⁵.

Neste processo de olhar para a invisibilidade das mulheres desde um lugar histórico é necessário fazer recortes, pois a invisibilidade das mulheres brancas da elite é diferente da invisibilidade das mulheres brancas da classe trabalhadora, que é também distinta da invisibilidade das mulheres negras ou indígenas, o que não significa uma dissociação da luta feminista, mas a compreensão dos diferentes desafios implicados nas diversas classes em que pertencem as mulheres. Isto diz de um processo da interseccionalidade, sendo Lélia Gonzales (1983) é uma das autoras que inaugura este debate no Brasil, destacando que “o lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo” (p. 224). Assim, ao olhar para o lugar onde estão implicadas as mulheres, percebe quais as invisibilidades atingem a sua existência, especialmente a partir do recorte de gênero, raça e classe, possibilitando perceber as diversas faces da opressão.

Uma situação que exemplifica isto é descrita por Angela Davis em *Mulheres, Raça e Classe* (2016), a qual apresenta o discurso de Sojourner Truth, mulher negra, que ao participar da Convenção de Mulheres, em 1851, em Ohio, se depara com a seguinte afirmação de um homem: “era ridículo que as mulheres desejassem votar, já que não podiam sequer pular uma poça ou embarcar em uma carruagem sem a ajuda de um homem” (DAVIS, 2016). Em contraposição a esta narrativa Truth profere o discurso “Não sou eu uma mulher?”, afirmando:

Arei a terra, plantei, enchi os celeiros, e nenhum homem podia se igualar a mim! Não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem – quando eu conseguia comida – e aguentava o chicote da mesma forma! Não sou eu uma mulher? Dei à luz treze crianças e vi a maioria ser vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! Não sou eu uma mulher? (DAVIS, 2016, p. 77).

⁵ No filme “As Sufragistas” (2015) é possível compreender algumas das experiências das mulheres na luta pelos direitos, entre estes o de votar. Esta luta, organizada e mobilizada pelas mulheres, era também pela possibilidade de em uma situação de separação ficar com a guarda do filho, significava o direito à vida das mulheres.

Truth nos faz compreender que a invisibilidade das mulheres negras era tamanha que para estas “o estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão” (DAVIS, 2016, p. 38). Assim, a invisibilidade de mulheres brancas e de mulheres negras escancara a necessidade de uma “indissociabilidade entre a luta pela libertação negra e a luta pela libertação feminina” (DAVIS, 2016, p. 58). Por isso, ao tratarmos da invisibilidade das mulheres precisamos ter definidas as distinções das faces da opressão que sustentam um projeto de sociedade patriarcal e também fazer um recorte sobre qual aspecto da invisibilidade que estamos nos referindo, no caso deste artigo se trata da invisibilidade nas pesquisas em destaque na Educação Popular.

Esta invisibilidade das mulheres, ao ser fortalecida historicamente, alcança também os processos da Educação Popular. O GT 06 da ANPED é um dos maiores espaços brasileiros de discussão sobre o tema, reunindo pesquisadoras e pesquisadores de diversas regiões do Brasil e do exterior. Fleuri e Costa (2005) comentam que somente um trabalho em 1991 tocou na temática das mulheres, intitulado de: “o fazer feminino nos movimentos sociais por educação” (p. 48). Isso demonstra outro “grilo” que é a invisibilidade acadêmica das mulheres, a despeito, conforme demonstrado, de sua significativa presença quantitativa.

No Brasil é muito recente o ingresso das mulheres na educação como um todo, não só nas Instituições de Educação Superior. Porém como destacado anteriormente, na maioria das vezes as mulheres não têm espaços de visibilidade no campo acadêmico. Nos últimos anos, impulsionadas pelas lutas do movimento feminista, este cenário vem se modificando em meio a uma estrutura social patriarcal que incide diretamente nas estruturas de poder.

Assim, outro “grilo” da invisibilidade das mulheres é o da desigualdade nos espaços de poder, marca central que define o patriarcado (BESKOW, 2017). Reinaldo Fleuri, em resposta a segunda carta de Marisa, destaca que

o número de autoras (mulheres) aceitas para apresentar estudos em nosso GT tem sido sempre superior ao número de autores (homens). Por que, então, os homens tem sido mais “visíveis”, ao ponto de nos parecer evidente que sejam maioria? Talvez porque tenham ocupado por mais tempo e mais vezes posições de destaque nos debates (esta suposição deve ainda ser verificada)? Talvez porque homens tenha assumido por mais vezes tarefas de coordenação em nosso

GT? Talvez pela frequência mais persistente de alguns homens nas reuniões do GT ao longo destes últimos anos? (FLEURI; COSTA, 2005, p. 71).

Esta hipótese abordada por Fleuri é contestada por Marisa Costa (2005, p.96) ao destacar: “eu inverteria os termos do enunciado para defender que eles têm sido escolhidos para coordenar porque são mais visíveis”. Existem espaços de poder que são inacessíveis às mulheres e existem espaços de poder onde as mulheres estão presentes, porém segundo Fleuri e Costa (2005) a linguagem sexista e a cultura machista estão tão enraizadas que o fato de as mulheres falarem torna-se um processo de constrangimento.

Este fato evidencia que a chegada das mulheres nos espaços de poder e decisão, como são as Reitorias e o corpo docente da Pós-Graduação, é uma conquista. Porém outro desafio que se apresenta é o de dialogar sobre esta temática nestes espaços, abordando questões do feminismo, da invisibilidade feminina, do projeto de sociedade patriarcal, construindo uma cultura dialógica e de igualdade entre os gêneros. Pois, não basta estar nestes espaços sem fazer o enfrentamento a desigualdade de gênero.

Esta realidade da invisibilidade das mulheres nos espaços de poder não pode ser atribuída apenas à Educação Popular, já que “todas as áreas da educação, apesar de densamente povoadas pelas mulheres, estão ainda, predominantemente coordenadas pelas hegemônicas ópticas masculinas” (FLEURI; COSTA, 2005, p. 100). Porém, cabe destacar que a Educação Popular tem um papel central na problematização destas realidades. Concordamos com Marisa Costa (2005, p.100) quando escreve que “seria importante mesmo, se começássemos a pensar sobre o porquê ou os porquês de a Educação Popular dar mais visibilidade aos homens”.

Uma das hipóteses foi mencionada acima, sobre a construção de uma sociedade patriarcal, na qual as mulheres não acessam os espaços de poder e de decisão e quando integram, na maioria das vezes, não são escutadas ou não conseguem fazer enfrentamentos e abrir espaços de debate sobre temáticas como o feminismo. Outro elemento, segundo Marisa Costa (FLEURI; COSTA, 2005) emerge dos primórdios da Educação Popular Latino-Americana, nos anos 1950, contexto em que Freire sistematiza o

que viria a ser uma matriz teórica e prática, tendo aproximações fortes com a Igreja Católica. Assim, Marisa Costa (2005) destaca:

[...] a forma como a mulher é posicionada no cristianismo – como submissa aos seus maridos, como zelosa protetora da unidade familiar, como vocacionada para os cuidados [...] foi adotado como inspiração também para o delineamento de seu trabalho na educação popular, ou seja, fortes, corajosas, dedicadas, mas submissas, silenciosas, invisíveis. (FLEURI; COSTA, 2005, p. 102).

Estas duas hipóteses são algumas das que sustentaram e sustentam as invisibilidades das mulheres na Educação Popular, sendo algumas destas, como já destacado: a invisibilidade histórica; a invisibilidade acadêmica e a invisibilidade nos espaços de poder. Com o fortalecimento do movimento feminista, estas questões vêm compondo narrativas e sendo problematizadas por diversos coletivos que se espalham pelo Brasil e pelo mundo.

Marisa Costa ao fazer uma análise da primeira edição da obra *Travessia: questões e perspectivas emergentes na pesquisa em educação popular* (2005), a fim de organizar a segunda edição, destaca: “é surpreendente o que as mulheres conseguiram nestes seis anos, inclusive no âmbito do nosso GT – três coordenações consecutivas! E ainda há quem diga que falar, contestar, debater, reivindicar não surte muito efeito!” (FLEURI; COSTA, 2005, p. 127). Isto faz parte de um movimento de travessia protagonizado desde mulheres que foram mortas até aquelas que com coragem falam, contestam, pesquisam, amamentam, trabalham pela igualdade de gênero, desde o lugar de uma Educação Popular.

2 “A EDUCAÇÃO POPULAR É FEMÊA”

Além do efeito de que as mulheres estão assumindo lugares de coordenação, como o do GT 06 da ANPED, “falar, contestar, debater, reivindicar” (FLEURI; COSTA, 2005, p. 127) vem surtindo outro efeito que é o de uma forma de pensar e escrever sobre a Educação Popular a partir do dizer das palavras das mulheres. Isto não diz de um modo individualista de produção de conhecimento, mas desde o lugar do coletivo, um exemplo disto são as obras *Estudos Feministas, Mulheres e Educação Popular*, organizados por Amanda Motta

Castro e Rita de Cássia Fraga Machado (2016). Em 2020 foi lançado o terceiro volume desta obra, a qual reúne mulheres de diferentes países, com distintas experiências ao redor deste tripé que intitula o nome da obra e que produz um enfrentamento ao projeto de sociedade patriarcal e a possibilidade de construção de teorias e práticas a partir do feminismo e da Educação Popular.

Esta obra além de reunir mulheres, está produzindo uma constante travessia, “esta travessia está sempre em ato, não se completa, ela constitui o próprio espírito que nos anima” (FLEURI; COSTA, 2005, p. 128). Travessia que enfrenta a cultura machista, a linguagem sexista e constrói narrativas, experiências de visibilidade das mulheres na Educação Popular.

Esta travessia inaugura a construção de espaços onde as mulheres podem dizer a sua palavra falada, escrita sem receio e nem medo de serem “constrangidas” ou “melindradas” (FLEURI; COSTA, 2005, p. 47). Dizer a palavra em Educação Popular desde o lugar de mulheres, de pesquisadoras, educadoras populares, teólogas feministas, cientistas sociais, antropólogas, faz com que “[...] reafirmamos que a educação popular também é femia e que o protagonismo dos Estudos Feministas deve estar nas mãos das mulheres” (CASTRO; MACHADO, 2016, p. 20).

Os estudos feministas vêm produzindo uma contribuição enorme de visibilidade das mulheres e das diversas opressões pelas quais elas vivenciam diariamente. São distintas as formas de compreender e conceituar o feminismo, destacaremos aqui a perspectiva de Carla Cristina Garcia⁶ (2011, p.14), a qual afirma que

[...] o feminismo é uma lanterna que mostra as sombras de todas as grandes ideias gestadas e desenvolvidas sem a participação das mulheres e muitas vezes à custa das mesmas: democracia, desenvolvimento econômico, Estado de Bem-Estar Social, justiça, família, religião. As feministas empunham esta lanterna com orgulho por ser a herança de milhões de mulheres que partindo da submissão forçada - enquanto eram atacadas, ridicularizadas, vilipendiadas - souberam construir uma cultura, uma ética e uma ideologia nova e revolucionária para enriquecer e democratizar o mundo. Esta é a luz que ilumina os quartos escuros da intolerância dos preconceitos e dos abusos.

⁶ Optamos por uma autora brasileira com intuito de compreender que podemos produzir e abordar conceitos que são dispostos a partir de autoras brasileiras e não somente pela perspectiva de autoras europeias ou estadunidenses.

Estas sombras estão em diversos contextos que vem invisibilizado as mulheres, sejam estes de ordem acadêmica, de poder ou de linguagem. As lutas das mulheres feministas, as quais carregam a lanterna do feminismo, vem iluminando, denunciando e abrindo a possibilidade de espaços de debate sobre as distintas opressões vivenciadas pelas mulheres de diversos contextos do mundo.

Na realidade da luta sufragista, as mulheres se reuniam em locais escondidos, certamente empunhando suas lanternas para poder clarear o encontro destas, para que pudessem perceber que não estavam sozinhas nesta luta. Na atualidade, simbolicamente um dos nomes desta luz da lanterna se chama epistemologia feminista. A possibilidade de produzir conhecimento desde os saberes, as perguntas e o dizer da palavra das mulheres vem mobilizando este processo.

Ketzer (2020) escreve que podemos compreender este movimento como epistemologias feministas, que são escritos a partir de distintas autoras, “[...] o que elas têm em comum seria trazer para o debate epistemológico as preocupações feministas. Já as soluções propostas para os problemas decorrentes destas preocupações são bastante diversas” (p. 68-69). Poderíamos destacar um arcabouço de preocupações feministas, abordando recortes de classe, raça e gênero. Iremos nos deter neste artigo em um aspecto que é o das preocupações feministas a partir da Educação Popular.

Para isso, além de destacar aspectos da Educação Popular como movimento político e pedagógico, iremos abordá-la desde uma perspectiva de uma epistemologia feminista, ou seja, como as mulheres vem produzindo conhecimento sobre a Educação Popular. Ivone Gebara, escreve um artigo sobre *Educação Popular: a resignificação das expressões*, na qual a autora problematiza a noção de educação e de popular, alguns dos questionamentos que a mesma destaca são: “quem é e o que é o popular? Trata-se do povo em geral, de um povo marcado por uma concepção de classe social? Trate-se dos pobres?” [...] o que é mesmo educação?” (2016, p. 190).

A concepção de Educação Popular a partir dos oprimidos, inaugurada por Freire (2016), fortalecida por diversos educadores e educadoras populares e pelos movimentos sociais, introduziu na realidade brasileira a possibilidade de que a classe trabalhadora

pudesse ser um espaço de problematização das diversas realidades de opressão e não somente mão de obra barata pela qual a elite encontrava formas para ampliar o seu capital.

Neste processo, a Educação Popular assumiu o protagonismo na construção de uma educação libertadora e não mais bancária (FREIRE, 1997) a serviço do mercado e da exploração do povo. Ivone Gebara destaca que com a Educação Popular “houve um acordar da consciência adormecida de uma imensa quantidade de grupos oprimidos por um sistema cultural, econômico e social que lhes fechava portas a direitos básicos” (2016, p. 193). Este acordar era mobilizado desde os mais variados espaços e com processos que possibilitavam a criticidade e a construção de movimentos desde o coletivo e dos saberes populares.

Ao longo dos anos foi sendo produzida uma “ampliação e diversificação no campo de análises da Educação Popular, o que tem apontado, cada vez mais, para a importância das abordagens transdisciplinares e multidisciplinares” (FLEURI; COSTA, 2005, p. 51). Temáticas como “[...] droga, Aids e desemprego” (FLEURI; COSTA, 2005, p. 51) vão sendo problematizadas a partir da Educação Popular. Marisa destaca que

[...] tais questões percorrem todos os grupos sociais e, como tal, passam a sugerir novas configurações para aquilo que vinhamos denominando, historicamente, de popular. O popular não é mais o que diz respeito aos “pobres”, às massas parcamente instruídas [...] O popular está cada vez mais associado àquilo que nos integra a uma avassaladora cultura de massa, ou nos faz parte de uma cultura global que, ao mesmo tempo, incorpora e exclui, iguala e discrimina, contempla e arrebatava. (FLEURI; COSTA, 2005, p. 51).

Esta análise não exclui do popular as classes populares, pelo contrário, amplia a possibilidade de análise das diversas classes sociais, tendo presente os distintos recortes, ou seja, certamente a temática das drogas e do desemprego não atingem a classe popular da mesma forma que atinge a elite. Para isto é preciso realizar estudos que aprofundem como estes segmentos são afetados por estas problemáticas.

Castro e Machado (2016) apresentam à Educação Popular e aos estudos feministas a reflexão sobre a emergência de as mulheres terem espaços para dizerem de suas palavras, como um direito das mesmas e não um privilégio de poucas. Nas palavras das autoras:

Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que as pessoas se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de algumas mulheres e homens, mas direito de todas as pessoas. (CASTRO; MACHADO, 2016, p. 20).

Assim, a construção da visibilidade das mulheres e da visibilidade de suas opressões na Educação Popular passa pelo dizer de suas palavras, seja um dizer em coordenações de mulheres de ocupações urbanas, do dizer das mulheres docentes e estudantes das universidades, do dizer das mulheres indígenas, do dizer das mulheres negras, entre outros.

Este dizer em palavra falada, escrita ou pintada, dizer em poema, em música, em livros é a força que mobiliza as mulheres no processo de travessia. Mesmo não sabendo exatamente onde esta travessia levará, pois como aponta João Guimarães Rosa (1984, p.33): “Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou”, esta travessia vem reunindo mulheres em redes feministas, em coletivos que ao dizerem suas palavras não tem medo de serem melindrados por pensar, por desejar, por decidir quais as cores e formas de existir e de amar no mundo. “Que a travessia prossiga” (FLEURI; COSTA, 2005, p. 128).

Dando continuidade a travessia, escolhemos analisar os anais das edições de 2018 e 2019 do Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire. Antes de passarmos para os “achados”, vamos contextualizar esse evento/movimento a partir de um panorama da sua história e das travessias construídas e reconstruídas até aqui.

3 MEMÓRIAS E TRAVESSIAS DO FÓRUM DE ESTUDOS: LEITURAS DE PAULO FREIRE

Logo após o falecimento de Paulo Freire em maio de 1997, um grupo de professoras e professores gaúchos passou a se organizar em torno do legado do autor. Entre diferentes

iniciativas que marcaram aquele período do final dos anos 1990, foi realizado em 1999 a primeira edição do evento que foi denominado de Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire. Esse encontro aconteceu na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), na cidade de São Leopoldo, na região metropolitana de Porto Alegre.

Na carta-prefácio de *Pedagogia da indignação* (FREIRE, 2000), Balduino Andreola se refere ao surgimento do Fórum em hipotética carta dirigida a Freire: “no Congresso da UNISINOS fundamos o *Fórum Paulo Freire*, como instância permanente de diálogo e intercâmbio em torno de experiências e estudos relacionados com tua obra” (ANDREOLA, 2000, p. 17-18). Já neste primeiro evento em maio de 1999, tivemos a apresentação de 70 trabalhos. Desde então, o Fórum foi se consolidando de forma itinerante entre universidades do estado do Rio Grande do Sul e, anualmente, reúne docentes, militantes e ativistas sociais que se reconhecem nas leituras freireanas e nas práticas de Educação Popular.

O evento foi atraindo crescente atenção de pesquisadoras e pesquisadores ao longo de suas andanças, promovendo travessias entre as instituições acadêmicas e movimentos sociais populares. Um interessante registro sobre as memórias deste evento é possível de ser encontrado em livro de Ana Lúcia Souza de Freitas (2020). A autora, participante assídua do Fórum, oferta valioso documento sobre a história e o movimento das edições do evento.

Realizado de forma contínua desde 1999, o Fórum chega ao ano de 2021 em sua 22ª edição, sendo também impactado em sua dinâmica pela Pandemia do novo coronavírus em 2020. Por isso, a edição de 2020 foi adiada e foi realizada, de forma inédita, virtualmente em maio de 2021⁷. A itinerância do Fórum assinala a sua realização nas seguintes cidades e instituições gaúchas:

Quadro 1: Itinerância do Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire

Cidade	Local	Ano
São Leopoldo	Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)	1999 – 2008 – 2018
	Escola Superior de Teologia (EST)	2005

⁷ Para acesso a informações sobre a XXII edição inédita do Fórum, acessar a página do evento (<https://xxiiforumpaulofreire.wixsite.com/uffserechim>), bem como suas redes sociais.

Porto Alegre	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	2009
	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	2010
Santa Maria	Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	2000 – 2015
Rio Grande	Universidade Federal do Rio Grande (FURG)	2007 – 2017
Erechim	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	2012 – 2020/2021
Caxias do Sul	Universidade de Caxias do Sul (UCS)	2019
Jaguarão	Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)	2016
Santo Ângelo	Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI)	2014
Taquara	Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT)	2013
Santa Rosa	Universidade Regional do Noroeste do estado Rio Grande do Sul (UNIJUÍ)	2011
Passo Fundo	Universidade de Passo Fundo (UPF)	2006
Alegrete	Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)	2004
Santa Cruz do Sul	Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)	2003
Pelotas	Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)	2002
Canoas	Universidade La Salle (UNILASALLE)	2001

Fonte: Elaborado pelas autoras e autor (2021).

Podemos observar no quadro acima como o Fórum já esteve em 15 cidades e mobilizou em suas 22 edições 17 instituições públicas e comunitárias de Educação Superior. Portanto, a análise dos anais das edições consolidadas de 2018 e 2019 nos fornece pistas sobre a presença de mulheres, tanto na autoria como enquanto tema, em um espaço relevante de compartilhamento de conhecimentos sobre Educação Popular.

3.1 Estado do conhecimento dos anais das edições dos anos de 2018 e 2019 do Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire

A escolha por analisar os anais das edições de 2018 e 2019 do Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire ocorreu a partir do nosso olhar como participantes deste espaço. Observamos sempre uma presença significativa de mulheres e um crescente debate sobre feminismos e Educação Popular, bem como (re)leituras da obra de Freire na perspectiva de gênero.

Partindo dessa perspectiva, delineamos o caminho metodológico por meio de revisão bibliográfica, numa abordagem qualitativa, momento em que optamos por

realizarmos um estado do conhecimento utilizando como base de pesquisa os anais das edições dos anos de 2018 e 2019 do Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire. Segundo Morosini e Fernandes (2014, p.155),

[...] estado de conhecimento é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica.

Dessa forma, vamos mobilizar essa técnica de análise com o objetivo de sistematizar informações sobre nosso tema de estudo, observando os passos que serão discutidos a seguir.

3.1.1 XX Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire – UNISINOS/2018

Iniciamos nossa pesquisa pelo e-book (PAULO, 2018) do XX Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, sediado pela UNISINOS, na cidade de São Leopoldo/RS, que conta com 2428 páginas com 251 trabalhos, organizados em 16 eixos, inscritos em quatro modalidades: trabalho completo, resumo expandido, resumo simples e carta pedagógica.

Num primeiro momento, buscamos por dois descritores: “feminismo” e “mulher” através do comando de pesquisa (Ctrl + F) no e-book dos anais do evento. Buscando pelo descritor “feminismo” encontramos 36 resultados presentes em 6 trabalhos. Buscando pelo descritor “mulher” apareceram 402 resultados em 82 trabalhos. Desses 82 trabalhos apenas 17 desenvolveram, ainda que em alguns deles de forma singela, a temática sobre mulheres, feminismos e/ou gênero. Assim, dos 17 trabalhos foram selecionados 12 textos.

No segundo momento, realizamos o cruzamento dos dados encontrados e verificamos a existência de trabalhos em comum nos quadros de análise fizemos a escolha em unir e formar um quadro geral eliminando os resultados repetidos. No quadro a seguir, organizamos os 16 textos selecionados e destacamos as buscas onde eles foram encontrados.

Quadro 2– Quadro geral dos resultados encontrados do XX Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire

Eixo	Título	Autoria ou coautoria feminina	Busca descritor: <i>feminismo</i>	Busca descritor: <i>mulher</i>
3- Paulo Freire e a educação profissional, técnica, tecnológica e superior	Histórias que merecem ser contadas: um projeto que constrói narrativas sobre episódios significativos das vidas de estudantes do PROEJA no IFSUL/ Campus Sapucaia do Sul	X		X
5- Paulo Freire e os movimentos sociais, educação e trabalho	Espaço do ser mais versus espaço do ser menos: constatação do que não queremos para conseguirmos o que queremos		X	X
5- Paulo Freire e os movimentos sociais, educação e trabalho	Formação docente sobre gênero a partir do diálogo: um reforço para a gestão das práticas	X		X
5- Paulo Freire e os movimentos sociais, educação e trabalho	Mulheres negras na EJA: Trajetórias de resistência no contraponto das mediações pedagógicas	X		X
5- Paulo Freire e os movimentos sociais, educação e trabalho	Mulheres, agroecologia e emancipação: aproximações epistemológicas freirianas na EFASC	X		X
5- Paulo Freire e os movimentos sociais, educação e trabalho	Projeto manas na escola	X		
5- Paulo Freire e os movimentos sociais, educação e trabalho	Reflexões teóricas sobre um legado de Paulo Freire reinventado pelas feministas no Rio Grande do Sul	X	X	X
7 – Paulo e a Educação Popular (ambientes diversos)	Por uma Universidade que acolha as gentes!	X		X

10- Paulo Freire e as práticas educativas na educação básica	A corda e a caçamba: relações de gênero e sexualidades na perspectiva dos direitos humanos	X	X	X
10- Paulo Freire e as práticas educativas na educação básica	Projeto educar para um mundo melhor: dialogando sobre igualdade e a luta das mulheres na educação básica	X	X	X
11 - Paulo Freire em diálogo com outros(as) autores(as)	A aproximação dos diálogos entre Paulo Freire e bell hooks	X	X	
11 - Paulo Freire em diálogo com outros(as) autores(as)	A fiação da escrita freireana pelo feminino do sul: fiação-desafiações nas obras leituras de Paulo Freire e pedagogia da conscientização	X		X
11 - Paulo Freire em diálogo com outros(as) autores(as)	Educação não formal e educação popular: um diálogo entre Gohn e Freire			X
11 - Paulo Freire em diálogo com outros(as) autores(as)	Paulo Freire e Hannah Arendt: pensar e conhecer o mundo	X		
11 - Paulo Freire em diálogo com outros(as) autores(as)	Politicidades audiovisuais: de Rancière a Freire e o ensino de história do cinema brasileiro		X	X
15 – Paulo Freire e as infâncias	Direitos de ser e estar: diversidade de gênero na escola básica	X		X

Fonte: Elaborado pelas autoras e autor (2021).

3.1.2 XXI Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire – UCS/2019

Analizamos também o XXI Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire que ocorreu dos dias 2 a 4 de maio de 2019 sediado pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Os anais do evento contam com três volumes (KAODOINSKI, 2019). Os trabalhos foram submetidos em quatro modalidades: trabalho completo, resumo expandido, resumo simples e carta pedagógica; e organizados em 15 eixos.

O primeiro volume é composto por 709 páginas, busca (ctrl + F) pelo descritor “feminismo” apresentou 15 resultados em 4 trabalhos sendo que em 3 houve discussão da temática. No segundo volume, há 578 páginas, encontramos 5 resultados em 2 trabalhos, sendo que em um dos trabalhos aparece somente nas referências e por esse motivo não passará para as próximas etapas de análise. O terceiro volume tem 480 páginas e foi encontrado apenas 1 resultado que foi excluído por aparecer apenas nas referências do trabalho.

Em resumo, com o descritor “feminismo”, somando os resultados dos três volumes, chegamos a um total de 26 resultados em 6 trabalhos, sendo que 2 foram suprimidos por apresentar a palavra uma única vez nas referências. Ao final chegamos a 4 trabalhos para analisar.

Na fase seguinte, a pesquisa (ctrl + F) foi realizada com o descritor “mulher”. No volume I foram encontrados 232 resultados em 26 trabalhos, mas apenas 4 trabalhos apresentam a temática pesquisada. Já o volume II apresentou 71 resultados em 18 trabalhos e a temática foi abordada em apenas 1 trabalho. No volume III foram 39 resultados em 13 trabalhos também com apenas 1 trabalho desenvolvendo a temática. Portanto, somando os três volumes e suprimindo os resultados repetidos localizamos 8 textos sobre as temáticas: mulher, feminismos e/ou gênero. Indicados no quadro abaixo:

Quadro 3 – Trabalhos com a temática mulher, feminismos e/ou gênero encontrados nos três volumes do XXI Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire

Eixo	Título	Autoria ou coautoria feminina	Busca descritor: feminismo	Busca descritor: mulher

Eixo 2- Paulo Freire: Educação Popular em diferentes contextos educativos	“Elas” e Paulo Freire	X	X	
Eixo 3- Paulo Freire: educação e movimentos sociais	Reflexões sobre lutas e conquistas do movimento feminista Pelotas/RS: na perspectiva popular e descolonial	X	X	X
Eixo 3- Paulo Freire: educação e movimentos sociais	Grupo de mulheres: transformações sociais e implicações na psicologia clínica	X	X	X
Eixo 4- Educação no/do campo	Agroecologia, saúde e sustentabilidade: um novo paradigma para a mulher do campo	X	X	X
Eixo 6– Paulo Freire: diálogo com outros autores	Diversidade de gênero: da percepção à ação pedagógica docente	X		X
Eixo 9- Paulo Freire: Arte e cultura popular	Possibilidades de um ensino de artes visuais crítico por meio do feminismo, em consonância com a pedagogia da libertação de Paulo Freire	X	X	X
Eixo 11- Paulo Freire: políticas públicas e resistência	Mulheres e participação popular: uma análise do OP/RS	X		X
Eixo 13- Paulo Freire: dialogicidade e amorosidade	Literatura e diálogo: a literatura clássica brasileira como forma de reflexão sobre problemáticas sociais atuais através do letramento argumentativo	X		

Fonte: Elaborado pelas autoras e autor (2021).

4 ANÁLISE DO ESTADO DO CONHECIMENTO DOS ANAIS DO FÓRUM DE ESTUDOS: LEITURAS DE PAULO FREIRE

A partir da leitura flutuante dos 16 textos encontrados nos anais do XX Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire (PAULO, 2018) chegamos à conclusão que 12 trabalhos trataram diretamente das temáticas: mulher, feminismo e/ou gênero, ainda que com diferentes enfoques, e 4 trabalhos trataram de forma indireta dessas temáticas.

Dezesseis trabalhos representam apenas 6,3% de um total de 251 trabalhos o que pode parecer algo pequeno, mas que representa justamente o momento crescente de abertura que vivemos. Um momento construído por mulheres que vieram antes de nós através de suas lutas, resistências e transgressões. Um momento de nos apoiarmos umas nas outras buscando a coragem de romper com as correntes que nos impedem de dizer a nossa palavra, de publicar a nossa palavra na academia e em outros espaços.

Olhamos para esse quantitativo de trabalhos com alegria e esperança que a cada edição do Fórum Paulo Freire essa temática se espraie cada vez mais, chegando a mais pessoas e circulando por diferentes espaços educacionais e da sociedade.

O Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire busca se organizar a partir da liberdade e diversidade desde a sua primeira edição, não deslocado dos movimentos crescentes de empoderamento feminino e, assim, vem acolhendo temáticas como essa abordada neste artigo. Esses são movimentos de mulheres comprometidas em romper com práticas de silenciamentos e invisibilidades das temáticas que almejam romper com a cultura machista e com o patriarcado enraizado na sociedade, alimentado ao longo da história da humanidade.

Por isso, as temáticas na linha feminista despertam para processos de conscientização que nos permitem fomentar e orquestrar práticas coletivas que contribuem para formação de outras relações entre os seres humanos e desses e dessas com a natureza. Formas de relações mais justas, harmoniosas e respeitosas de viver e conviver, de ser e estar no mundo e com o mundo.

Podemos verificar que os trabalhos foram inscritos em diferentes eixos do evento, o que demonstra a diversidade dos objetivos e contextos de cada pesquisa. No eixo 5 Paulo Freire e os movimentos sociais, educação e trabalho foi onde encontramos o maior número de trabalhos, cinco títulos. O eixo 10 Paulo Freire e as práticas educativas na educação básica com dois trabalhos, o eixo 11 Paulo Freire em diálogo com outros (as) autores (as) com três trabalhos. Os Eixos 7 Paulo e a Educação Popular (ambientes diversos) e o eixo 15 Paulo Freire e as infâncias apresentaram apenas um trabalho cada.

Os textos abordam as temáticas sobre feminismos, mulher e gênero ainda que com recortes e contextos diferentes, tais como: mulheres negras na EJA, reinvenção do legado de Freire pelas feministas do Rio Grande do Sul, projetos na educação básica sobre a luta das mulheres por igualdade e a invisibilidade das mulheres no cinema brasileiro entre outros. Textos encharcados pela práxis freireana e feminista que com luta, resistência e esperança ajudam a construir uma Educação Popular para todas e todos. Como podemos observar nos seguintes excertos:

As questões que se relacionam às mulheres no mundo contemporâneo estão presentes em diferentes espaços e abarcam os aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais e religiosos. Os espaços escolares não fogem dessa realidade, os quais também apresentam tensionamentos e disputas de poder, bem como refletem inúmeras vezes características das sociedades machistas, excludentes e desiguais - que têm delegado às mulheres lugares de subalternidade e invisibilidade ao longo da história. No entanto, essa conjuntura que vem se transformando ao longo dos processos históricos e sociais, principalmente pela emergência e consolidação das lutas femininas, coloca a educação como um elemento fundamental no sentido de refletir e transformar realidades opressoras. (GOMES; RODRIGUES; MADEIRA in PAULO et al, 2018, p.1781).

E também em:

Acreditamos que a pesquisa pode oportunizar o pensamento reflexivo acerca dos sujeitos a partir de seus lugares, ou seja, de seus grupos étnicos, do seu gênero, da sua condição econômica, política e social. (LUZ; MACHADO; SILVA in PAULO et al, 2018, p. 646).

Os anais do XXI Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire (KAODOINSKI et al, 2019) apresentaram 8 trabalhos sobre a temática mulher, feminismos e /ou gênero num total 243 de trabalhos inscritos o que representa 3,2%. Ainda que de maneira mais tímida em relação ao ano anterior, existe a presença e a continuidade da temática alimentando, promovendo

e ampliando a emergência de discussões, inclusive abordando a violência e, em muitos casos, feminicídio no cotidiano da vida de tantas mulheres.

Todos os 8 trabalhos são de autoria e coautoria de mulheres, diferente da XX edição no ano de 2018 analisada anteriormente. Já as principais temáticas abordadas por essas autoras apresentam grande diversidade, assim como foram encontradas na edição anterior do evento analisada. São exemplos dessa diversidade de temáticas: as lutas e conquistas do movimento feminista numa perspectiva popular e decolonial; a agroecologia e a mulher do campo; ensino das artes visuais por meio dos feminismos e da pedagogia da libertação; diversidade de gênero; mulheres e participação popular através do Orçamento Participativo e a literatura como forma de reflexão sobre problemáticas sociais e atuais.

Para ilustrar as temáticas abordadas destacamos um trecho de um dos trabalhos analisados:

A educação baseada no feminismo, a partir do coletivo proposto por Freire (2007), centra-se na ideia de que é preciso atuar na consciência das desigualdades de gênero, de raça e classe social também, fornecendo insumos para desencadear processos de libertação pessoal, articulados a ações coletivas de rupturas e emancipação. Assim, partindo do cotidiano dessas mulheres, no qual o capitalismo, o patriarcado estão em torno das explicações sobre os problemas vividos, o grupo se propõe a articular um espaço de diálogo, identificando os elementos que bloqueiam a vida das mulheres. (CONTE in KAODOINSKI *et al*, 2019, p.404).

Outro trabalho apresenta um clássico da literatura brasileira como elemento desencadeador e gerador de diálogos e reflexões acerca da culpabilização e dos estereótipos sobre o que é ser mulher por parte da sociedade patriarcal, como podemos ver no trecho a seguir:

No final do debate, Bentinho foi inocentado pelo júri e Capitu novamente culpabilizada, o que levou as estudantes que propuseram a atividade a refletirem sobre as nuances que a violência contra a mulher assume na sociedade brasileira e sobre a construção do papel social desta, profundamente enraizada no imaginário da população. Chegou-se a conclusão de que o caminho é longo: para a libertação feminina efetiva e para o letramento argumentativo. Percebeu-se o quanto é difícil, mesmo entre estudantes do Ensino Superior, sair da sua zona de conforto e desconstruir padrões tão profundamente assentados pelas vivências de cada um. (HERBERTZ; ALLGAYER; GOLDMEYER, In KAODOINSKI *et al*, 2019, p.130).

Não pretendemos esgotar aqui análise desse material tão vasto, nossa intenção neste momento foi fazer um exercício de buscar entender como essa temática vem se apresentando nas últimas edições do Fórum de Estudos: Paulo Freire e como podemos auxiliar para que essas autoras tenham visibilidade e possam ser consultadas por outras e outros compartilhando suas ideias, pesquisas e estudos. Buscamos lançar um olhar investigativo e qualitativo. Mais do que números procuramos entender o que esses trabalhos representam e o que abordam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Travessia”, palavra que compõe o título do livro de Fleuri e Costa (2005), é ponto-chave para o momento atual de afirmação da presença de mulheres na produção científica em geral e na Educação Popular em específico. Uma travessia que mistura tensões, rupturas e afirmações acerca da invisibilidade das mulheres, visto que esta temática é ampla e pode abranger desde espaços de trabalho, postos de poder, escritas acadêmicas e os diferentes lugares das mulheres no espaço público.

Fomos propondo em palavras uma travessia que compreende que a construção desta invisibilidade não é algo natural, mas histórica e macroestrutural, não sendo restrita apenas à Educação Popular. Ao mesmo tempo, as concepções da Educação Popular têm sua vertente em perspectivas críticas, nos remetendo a possibilidade de questionar esta invisibilidade desde um dos lugares de debates e compartilhamentos acerca da Educação Popular que é o Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire. Este Fórum se organiza como uma constante travessia entre a universidade e os movimentos e coletivos populares desde 1999 no Rio Grande do Sul. Ao estudarmos os anais do Fórum dos anos de 2018 e 2019, encontramos 24 trabalhos sobre a temática dos Feminismos, indicando que a temática está presente neste espaço e, ao mesmo tempo, tem o desafio de ser fortalecida.

Nesta travessia, da qual mobilizamos esta escrita, desde o lugar da Educação Popular e dos feminismos, compreendemos que as palavras faladas, palavras escritas, palavras cantadas, palavras publicadas são potências que vão rompendo com os processos

de invisibilidade das mulheres. É uma travessia constante e um exemplo deste processo são os volumes das obras *Estudos Feministas, Mulheres e Educação Popular* (CASTRO; MACHADO, 2016), os quais compõe uma rede de mulheres de distintos países, chegando, atualmente, ao terceiro volume. Assim, no debate sobre Educação Popular e feminismos não existe conclusão, mas uma travessia constante com pés enraizados na epistemologia feminista em debate com a tradição crítica da Educação Popular.

A travessia é feita de atravessamentos de pesquisa no âmbito da pós-graduação, não dicotomizando o rigor científico com a militância por uma sociedade sem opressões. No que se refere ao debate de gênero, é preciso que o setor progressista da universidade possa fazer sua autocrítica e, mais do que falar e escrever, produzir novas experiências tendo mulheres e homens lado a lado.

REFERÊNCIAS

ANDREOLA, Balduino Antonio. Paulo Freire e a condição da mulher. **Roteiro**, v. 41, n. 3, p. 609-628, set./dez. 2016.

ANDREOLA. Balduino Antonio. Carta-prefácio a Paulo Freire. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

BESKOW, Daniela Alvares. Características da dominação no patriarcado. **Caderno de Textos Palavra e Meia**, Campinas, vol. 1, março de 2017. Disponível em: http://www.palavraemeia.com/wp-content/uploads/2017/09/Caderno_de_textos_palavra_e_meia_numero_um.pdf. Acesso em: 18 jun. 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação básica 2020: resumo técnico** [recurso eletrônico] – Brasília: Inep, 2021. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2020.pdf. Acesso em: 22 jun. 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação superior 2019: notas estatísticas** [recurso eletrônico] – Brasília: Inep, 2020. Disponível em:

https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Notas_Estatisticas_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf. Acesso em: 23 jun. 2021.

CASTRO, Amanda Motta; DE LA PAZ, Nivia Ivette Núñez. Educação popular e estudos feministas: contribuições para a linguagem inclusiva. **Revista de Educação Popular**, vol. 17, n. 2, p. 80-88, 3 out. 2018.

CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cássia Fraga (org). **Estudos feministas, mulheres e educação popular**. Curitiba: CRV, 2016.

CONTE, Raquel Furtado. Grupo de mulheres: transformações sociais e implicações na psicologia clínica. Vol. 1, p. 396-408. In: KAODOINSKI, Fabiana. et al. (Orgs). **Anais do XXI Fórum de Estudos: leituras de Paulo Freire**. [recurso eletrônico]. Caxias do Sul, RS: Educus, 2019. Disponível em:

https://www.ucs.br/educs/pesquisa/?pesquisa=xxi+forum+de+estudos+leituras+de+paulo+freire&colecão=&area=&busca_por=&tipo_livro=

Acesso em: 26 de abr. de 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

FLEURI, Reinaldo Matias; COSTA, Marisa Vorraber. **Travessia: questões e perspectivas emergentes na pesquisa em Educação popular**. Editora Unijuí, 2005.

FREIRE, Paulo. Educação “bancária” e educação libertadora. In: PATTO, Maria Helena Souza (org). **Introdução à psicologia escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, v. 3, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Andarilhagens de uma educadora pesquisadora: cartas pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire**. São Paulo: BT Acadêmica; Porto Alegre: Poiesis & Poiética Casa Publicadora, 2020.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Ed. Claridade, 2011.

GEBARA, Ivone. Educação Popular: a ressignificação das expressões. In: CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cássia Fraga (orgs.). **Estudos feministas, mulheres e educação popular**. Curitiba: CRV, 2016.

GOMES, Gabriela Teixeira. et. al. Projeto educar para um mundo melhor: dialogando sobre a igualdade e a luta das mulheres na Educação Básica. In: PAULO, Fernanda dos Santos. et al. (Orgs). **Anais do XX Fórum de estudos: leituras de Paulo Freire. Legado e presença de Freire no Rio Grande do Sul.** [recurso eletrônico]. São Leopoldo: Casa Leiria, 2018. p.1781-1790. Disponível em: <http://www.guaritadigital.com.br/casaleiria/acervo/eventos/xxfpf/assets/basic-html/page-1.html>. Acesso em: 26 abr. de 2021.

GONZALEZ, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. In: SILVA, L. A. et al. **Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos.** Ciências Sociais Hoje, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

HERBERTZ, Olga Luísa; ALLGAYER, Pâmella; GOLDMEYER, Marguit Carmem. Literatura e diálogo: a literatura clássica brasileira como forma de reflexão sobre problemáticas sociais atuais através do letramento argumentativo. In: KAODOINSKI, Fabiana. et al. (Orgs). **Anais do XXI Fórum de Estudos: leituras de Paulo Freire.** [recurso eletrônico]. Caxias do Sul, RS: Educs, 2019. Disponível em: https://www.ucs.br/educs/pesquisa/?pesquisa=xxi+forum+de+estudos+leituras+de+paulo+freire&colegao=&area=&busca_por=&tipo_livro=. Acesso em: 26 de abr. de 2021. p. 120- p.130.

KAODOINSKI, Fabiana. et al. (Orgs). **Anais do XXI Fórum de Estudos: leituras de Paulo Freire.** [recurso eletrônico]. Caxias do Sul, RS: Educs, 2019. Disponível em: https://www.ucs.br/educs/pesquisa/?pesquisa=xxi+forum+de+estudos+leituras+de+paulo+freire&colegao=&area=&busca_por=&tipo_livro=. Acesso em: 26 de abr. de 2021.

KETZER, Patrícia. Mulheres na epistemologia: contribuições feministas. In: SOUSA, Renata Floriano de; MADARASZ, Norman (org.). **Filosofia por Elaes.** Porto Alegre: Fundação Fênix, 2020.

LUZ, Juliana Brochado da; MACHADO, Juliana Brandão; SILVA, Driéle Luize Souza da. Mulheres negras na EJA: trajetórias de resistência no contraponto das mediações pedagógicas. In: PAULO, Fernanda dos Santos. et al. (Orgs). **Anais do XX Fórum de estudos: leituras de Paulo Freire. Legado e presença de Freire no Rio Grande do Sul.** [recurso eletrônico]. São Leopoldo: Casa Leiria, 2018. Disponível em: <http://www.guaritadigital.com.br/casaleiria/acervo/eventos/xxfpf/assets/basic-html/page-1.html>. Acesso em: 26 abr. de 2021. p. 637-646.

MOROSINI, Marília Costa; KOHLS-SANTOS, Pricila; BITTENCOURT, Zoraia. **Estado do conhecimento.** Curitiba: CRV, 2021.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul.-dez. 2014.

PAULO, Fernanda dos Santos. et al. (Orgs.). **Anais do XX Fórum de estudos: leituras de Paulo Freire. Legado e presença de Freire no Rio Grande do Sul.** [recurso eletrônico]. São Leopoldo: Casa Leiria, 2018. Disponível em: <http://www.guaritadigital.com.br/casaleiria/acervo/eventos/xxfpf/assets/basic-html/page-1.html>. Acesso em: 26 abr. de 2021.

REZENDE, Daniela Leandro. Mulher no poder e na tomada de decisões. In: FONTOURA, Natália; REZENDE, Marcela; QUERINO, Ana Carolina (Orgs.). **Beijing +20: avanços e desafios no Brasil contemporâneo.** Brasília: IPEA, 2020.

ROSA, Guimarães. **Grande sertão: veredas.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

SILVA, Márcia Alves da. Pensamento decolonial feminista do Sul: uma experiência de educação popular a partir de narrativas de mulheres camponesas. **Eccos Revista Científica**, n. 54, p.1-17, jul./set. 2020.

SILVA, Márcia Alves da; GODINHO, Eliane. **A construção de uma pedagogia feminista latino-americana na perspectiva da educação popular.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 11& 13thWomen's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499344786_ARQUIVO_Trabalhocompleto-MarciaeEliane.pdf. Acesso em: 22 jun. 2021.

STRECK, Danilo Romeu (Org.). **Fontes da pedagogia latino-americana: uma antologia.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Submetido em: 29-06-2021

Aceito em: 31-08-2021

Publicado em: 12-10-2021